

## **BANZO E SUA INSERÇÃO DENTRO DAS CLASSIFICAÇÕES DE MOLÉSTIAS MENTAIS NO BRASIL NO SÉCULO XIX**

PEDRO HENRIQUE FERREIRA DANESE FERREIRA\*

*Visões que na alma o céu do exílio incuba, Mortais visões*

*Fuzila o azul infando...*

*Coleia, basilisco de ouro, ondeando*

*O Níger... Bramem leões de fulva juba...*

*Uivam chacais... Ressoa a fera tuba*

*Dos cafres, pelas grotas retumbando,*

*E a estrelada das árvores, que um bando*

*De paquidermes colossais derruba...*

*Como o guaraz nas rubras penhas dorme,*

*Dorme em nimbos de sangue o sol oculto...*

*Fuma o saibro africano incandescente...*

*Vai com a sombra crescendo o vulto enorme*

*Do baobá... E cresce na alma o vulto*

*De uma tristeza, imensa, imensamente...<sup>1</sup>*

Podemos compreender que a chegada da Família Real e suas alterações no universo brasileiro foram fundamentais para a mudança em relação ao desenvolvimento da ciência no país. A transição da medicina aplicada no século XVIII, principalmente no território francês, servirá de inspiração para a criação das escolas de medicina no Brasil no escopo da medicina social, conforme afirma Michel Foucault:

*[...] Ora, na segunda metade do século XVIII, se colocou os problemas da unificação do poder urbano. Sentiu-se a necessidade, ao menos nas grandes cidades, de constituir a cidade como unidade, de organizar o corpo urbano de modo coerente, homogêneo, dependendo de um poder único e bem regulamentado [...] A segunda razão é política. O desenvolvimento das cidades, o aparecimento de uma população operária pobre vai tornar-se século XIX, o proletariado aumentará as tensões políticas no interior da cidade[...] (FOUCAULT, 1984: p.86).*

Primeiramente no campo da medicina no universo brasileiro, com a já mencionada criação das Escolas de Cirurgia da Bahia e Medicina do Rio de Janeiro. Como trataremos mais adiante, a criação das escolas de medicina vai ocasionar inúmeros conflitos na sociedade

---

\*Mestrando em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz- Fundação Oswaldo Cruz. COC/fiocruz. Bolsista pela mesma instituição. Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiana Facchinetti.

<sup>1</sup> CORREIA, Raimundo. In CORREIA, Raimundo. Poesias completas. Org. pref e notas Múcio Leão. São Paulo: Ed Nacional.,1948. v.1, p-18. Disponível em: <http://www.escritas.org/pt/poema/13165/banzo> . Último acesso: 18/12/2014.

brasileira; um deles é a oposição entre o saber médico e o saber popular caracterizado pelas boticas, curandeiros, sangradores<sup>2</sup> etc.

*Ao analisarmos o exercício das práticas médicas, durante as três primeiras décadas do século XIX, deparamo-nos com uma situação bem diferente. Junto com licenças para médicos, cirurgiões e boticários, havia para sangradores, parteiras e curandeiros. Todos que quisessem exercer alguma atividade terapêutica teriam liberdade para isso, caso conseguissem uma autorização concedida pela Fisicatura mor, que era o órgão do governo responsável pela regulamentação e fiscalização das práticas de cura (PIMENTA. 2003.p.92).*

Deste modo “a organização e regulamentação do ensino médico no Brasil, como atividade diversa praticada por barbeiros, sangradores, práticos e curandeiros começou apenas no século XIX” (EDLER, 2006.p.389).

Assim, neste contexto do século XIX, com o surgimento das Ciências no território brasileiro podemos observar no soneto escrito por Correia (1948) que a escravidão foi um fenômeno singular no território brasileiro, intrínseco a este contexto da chegada da Família Real. Diante desse cenário, os escravos vindos para o Brasil sofreram com inúmeras moléstias, entre elas as mentais, tendo como destaque principal o *banzo*, que os afligia devido principalmente a não oportunidade de liberdade, sevícias e saudades de sua terra natal. Sobre o debate em relação às doenças dos negros na historiografia, Porto (2007) nos apresenta o seguinte panorama:

*Observamos na historiografia brasileira que a questão da saúde e doença nos escravos tem sido analisada indiretamente nos trabalhos acadêmicos sobre escravidão em geral e que múltiplos aspectos relacionados a esta questão são parcialmente conhecidos, além de se encontrarem dispersos em fontes primárias de diversas origens. Este quadro, no entanto tem mudado, nos últimos anos.[...] Vale lembrar que nos últimos anos temas como suicídio e doença mental ganharam destaque[...] (PORTO,2007.p.727).*

Não obstante, Castro Alves, que foi um dos poetas do Romantismo, mesmo não fazendo uma análise da psicopatologia dos escravos, possui uma obra relevante – *Navio Negreiro* – em que retrata o cotidiano pesado ao qual eles eram submetidos como podemos observar no seguinte trecho:

*[...] Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:*

---

<sup>2</sup> Acerca destas relações entre medicina popular e a científica ver os temas os trabalhos clássicos de Pedro Nava(2004), Licurgo Santos Filhos (1991), e também trabalho mais recentes produzidos em uma nova discussão historiográficas acerca da história da medicina no Brasil entre os quais se destacam os de: Tania Pimenta(2003), Luiz Otávio Ferreira(2004) e Flavio Edler(1998).

*Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!  
E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais ...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E voam mais e mais...  
Presas nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia,  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e r<sup>3</sup>!*

A primeira referência encontrada da palavra, em português, vem da obra de Bluteau na qual temos não a palavra *banzo*, mas o verbo *banzar* caracterizando um indivíduo que “pasma com pena, desgosto”. Alguns autores tentaram também definir esta moléstia de característica tão holística desde sua origem morfológica até o seu significado propriamente dito.

O *banzo*, de acordo com Mendonça (1935), teria se originado do termo quimbundo *mbanza* que significa aldeia, por extensão terra natal, ou seja, em última instância, saudade da aldeia da África. Duarte (1952) também aponta que *banzo* é o nome de uma ave; logo, a “denominação científica desta ave poder-se-iam invocar características psicológicas especiais”. Ficou conhecido como um estado mental caracterizado principalmente por uma tristeza muito profunda que acometia os escravos assim que eles desembarcavam dos navios negreiros no território brasileiro. Outra definição pode ser encontrada com Moura, na obra *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil* sendo o *banzo* caracterizado da seguinte maneira:

*Estado de depressão psicológica que se apossava do africano logo após seu desembarque no Brasil. Geralmente os que caíam nesta nostalgia profunda, acabavam morrendo. Atribui-se tal estado depressivo à saudade da aldeia da qual provinham, de modo que o banzo atingia somente a primeira geração de escravos, isto é, aqueles diretamente importados da África (MOURA; 2004, p.63).*

Outra explicação apontada por Moura (2004) é que o *banzo* poderia ser a doença do sono transmitida pela mosca tsétsé pois, de acordo com o autor, os escravos já vinham do continente africano embarcados pela doença. Entretanto, o autor ressalta que esta possibilidade é pouco plausível pelo fato de muitas vezes os escravos acometidos pelo *banzo* cometerem suicídio, comprovando assim a depressão psicológica. “Os léxicos modernos

---

<sup>3</sup> ALVES, Castro, Navio Negreiro(s/d). Obra retirado do acervo digital da Biblioteca Nacional.

consignam o vocábulo como substantivo: profunda melancolia que invadia os escravos africanos a ponto de leva-los a morte” (DICIONÁRIO enciclopédico brasileiro apud, DUARTE,1952.p.75).

O primeiro trabalho sobre banzo em língua portuguesa, de acordo com Moura (2004) e Oda (2008), é de Luis Antonio de Oliveira Mendes intitulado *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d’África e o Brasil*, apresentado à Real Academia de Ciências de Lisboa no ano de 1793, sendo publicado somente em 1812.

O autor analisa o modo como os escravos eram acometidos pelo *banzo*. Outrossim, para analisar as moléstias mentais dos escravos tem como arcabouço teórico, principalmente, relatos de seus donos e suas conseqüentes observações: o modo como eles feneciam e muitas vezes morriam por inanição, ou cometiam o suicídio se afogando em rios ou se pendurando nas árvores para se enforcar e assim acabar com o sofrimento devido a tristeza de estar longe de casa. Importante salientar que muitos escravos, juntamente com o banzo, ficavam nostálgicos assim que chegavam ao Brasil.

*Uma, e das principais moléstias crônicas, que sofrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser o **banzo**. O banzo é um ressentimento entranhando por qualquer principio, como, por exemplo: a saudade dos seus, e da sua pátria; o amor devido a alguém; a ingratidão, e aleivosia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda a liberdade; a meditação continuada da aspereza [da tirania] com que os tratam; o mesmo mau trato, que suportam; e tudo aquilo que pode melancolizar. É uma paixão da alma, a que se entregam, que só é extinta, [só dão por extinta] com a morte: por isso [em seu competente lugar] [...] ( OLIVEIRA MENDES; 2007: p- 393[1812]).*

Posteriormente Oliveira Mendes, de acordo com Moura (2004) e Oda (2008), relata um caso de banzo contado a ele pelo senhor Raimundo Jalama, que participara de projetos mercantis durante dez anos nas cidades de São Paulo e Luanda, e viajara para a Ásia.

*Ele [fielmente] me informou a respeito dessa enfermidade, [chegando a afirmar] que no tempo de sua administração [e sucessiva compra de escravos], em um dos lotes comprados tivera certa escrava uma filha [a qual depois se chamara Lucrecia], de idade de sete para oito anos: a qual a escrava se entregara a um tal fastio [total fastio], por efeitos do **banzo**, que nada queria comer, ainda oferecendo-lhe as melhores comidas, assim do nosso [trato e] costume, como as de seu país; para cujo fim tinha cozinheira própria; e observando ele esta obstinação [e teima], pela filha para isto insinuada entrou a pesquisar [a causa de] e o motivo por que a escrava se entregara ao **banzo**[inspirado na filha com promessa de premio, que em conversa quisesse insuspeitavelmente extrair dos sentimentos de sua mãe, qual vinha ser a causa]; e, com efeito, veio adquirir a certeza de que seu marido, a quem tanto amava, e havia dado a ela com ingratidão a dura escravidão, juntamente a sua filha tão estimada, com penhor de sua aliança [e, com efeito, veio adquirir a certeza de que seu marido a quem tanto amava, havia nomeado a ela com ingratidão, com separação e desterro a dura e cruel escravidão e juntamente com*

*sua filha tão estimada com o penhor de sua aliança] [...] Este mesmo banzo por vezes observei no Brasil [Este mesmo banzo por vezes observei na América Portuguesa], que matara a muitos escravos; porém sempre por efeitos do ressentimento do rigor com que os tratavam seus senhores. [porém sempre foi efeito de ressentimento, da crueldade e da tirania com que os escravos tratavam os seus senhores] (OLIVEIRA MENDES; 2007: p- 393-94 [1812]).*

Oliveira Mendes ainda escreve sobre banzo no periódico médico *Diário de Saúde* (terceiro jornal criado pelo médico francês Joseph François Sigaud; os dois anteriores foram *Propagador das Sciencias Medicas e Semanário de Saúde Pública* que, como seus antecessores, foram publicados semanalmente aos sábados, durante um ano somente)<sup>4</sup>. Apesar de ser um texto bem curto, o autor explicita o modo como os escravos sofriam desta moléstia, aproximando-se muitas vezes das classificações propostas por Pinel em sua obra *Tratado Médico Filosófico de Alienação Mental*.

Como se tratava de uma tristeza muito grande, o escravo ao perceber que estava distante de sua terra natal ele, algumas vezes, era acometido de paixões. O banzo poderia, dentro das classificações de Pinel, ser entendido como a melancolia, interpretado da seguinte maneira:

*Ar sonhador e taciturno, temerosas suspeitas, busca de solidão; tais são os traços que servem para caracterizar alguns homens da sociedade, e nada é mais hediondo que esta imagem, quando reúnem aí a ideia de abuso de poder, a perversidade dos costumes e um coração sanguinário, como o fizeram Tibério e Luis XI. A história dos homens célebres na política, nas ciências e nas belas artes faz conhecer melancólicos de caráter oposto, isto é, dotados de entusiasmo ardente pelas obras-primas do espírito humano, pelas concepções profundas e por tudo que há de grande e magnânimo. São ainda melancólicos de uma esfera menos elevada que animam e encantam a sociedade por suas afeições vivas e concentradas, e por todos os movimentos de uma alma forte e apaixonada; estes não são também menos hábeis em fazer sua própria tormenta, e a de todos que deles se aproximam por suas sombrias inquietudes e suspeitas quiméricas (PINEL;2007. p-162-63).*

Destarte, o banzo muitas vezes levava ao suicídio<sup>5</sup> dos escravos, como foi observado por Macedo (2004), Sigaud (2008) e Von Martius (2008):

*Os negros matam e se suicidam usando venenos vegetais, mas não são os venenos dos índios que os negros conhecem, pois não vivem com eles nas florestas e em contato com a natureza; a maioria está encerrada nos ateliês, nas fábricas, ou nos apartados em turmas, sob a vigilância de um comandante, nos trabalhos dos campos ou das minas; se eles têm plantas a sua disposição, são sempre as velhas*

<sup>4</sup> Da enfermidade dos pretos chamada banzo. OLIVEIRA MENDES, Luis Antonio. vol1.20 de junho 1835.n.10.74-

<sup>5</sup> Para Lopes(2008), Esquirol apresentou sensibilidade histórica ao refletir sobre o suicídio, pois para o alienista francês o ato de tirar a própria vida era um fenômeno histórico e com este modo de pensar despertou no leitor a importância do contexto (temporal, social, religioso e político), na apreciação do estudo. Ver in LOPES, Fabio Henrique. Suicídio e saber médico: Estratégias históricas de controle, domínio e intervenção no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.p-91.

*negras, espécies de feiticeiras, que lhes dão, contando-lhes sobre seus maravilhosos efeitos e ensinando-lhes a maneira de usá-las [...] O suicídio é comum entre os negros das raças Mina e Congo, o enforcamento e sufocação [etouffement] são os meios extremos preferidos ao ferro e ao veneno. Os escravos entre os romanos conheciam, segundo os relatos de Galeno e de Valério Máximo este modo de terminação, a sufocação. “Um escravo bárbaro – diz Galeno- movido por grande cólera, resolveu se dar a morte: estendeu por terra, reteve a respiração e ficou longo tempo imóvel; depois, após algumas agitações convulsivas ele morreu”. Esta prática consistia em levantar fortemente a língua para trás, fechando assim a laringe por compressão da epiglote, desta forma produzindo sufocação em poucos instantes (SIGAUD; 2008: p -773-74 [1844]).*

A obra de Von Martius coetânea a de Macedo e de Sigaud destaca-se porque o pesquisador bávaro estabelece uma comparação entre os indígenas (a maior parte de sua obra é dedicada exclusivamente aos povos autóctones do Brasil) e os negros, tendo como escopo a melancolia e o *banzo*.

Macedo analisa quais seriam os principais modos dos escravos para se suicidar, ocasionados principalmente pela nostalgia e por uma melancolia que os levava a uma tristeza profunda, e conseqüentemente, ao suicídio de diversas maneiras.

*Daí se colhe que negros levados às colônias foram muito naturalmente possuídos de acerbos saudades de suas terras, e não o pequeno número daqueles que caíam em poder de senhor cruel, iludidos por um prejuízo que depositavam na fé cega, e pelo qual contavam, morrendo, renascer na pátria, suicidavam-se se envenenando ou enforcando-se em ramos de arvore [...](MACEDO; 2004: p-49 [1844]).*

A melancolia em sua forma mais grave, de acordo com Pinel, também levaria o paciente a tirar a própria vida. O médico francês, observando o caso clínico de um jovem que possuía tudo, mas, ao ter o seu destino traçado para o celibato, ele prontamente recusa. Sendo assim, um caráter melancólico acompanha o rapaz durante sua tentativa de cura para aliviar suas tristezas, inclusive trabalhando como mão de obra na casa de um padeiro mestre. Mas nada, de acordo com Pinel, é capaz de fazer com que o rapaz se recupere. Assim temos o seguinte relato:

*[...] e ele retorna quinze dias depois ao seu velho amigo, expondo-lhe com lagrimas nos olhos os combates internos que experimenta e o odioso desgosto pela vida que o leva a uma forma irresistível de suicídio; os reproches que lhe são feitos o penetram de dor, ele retira-se em estado de consternação e desespero, e não e pode duvidar de que ele tenha se precipitado no Sena, o ultimo ponto de uma resistência tornada insuportável (PINEL;2007:p-169).*

Mais adiante, Oliveira Mendes demonstra como o escravo poderia de certa maneira não ser acometido pelo *banzo*, relatando o caso de uma escrava acometida por ele, evitando o

agravamento do caso e, por conseguinte, suas consequências trágicas tais como a inanição ou o suicídio.

*Em a dissuação deste justo sentimento, deve ter em primeiro lugar hum trato, que seja capaz de a desimaginar, de que ella não vive, e de que não fora trazida para huma positiva desgraça, da qual se acha sepultada: deve ter o segundo lugar comportarem-se os seus senhores para com ella, de hum modo benigno e affavel indicando que se achão bem servidos, inspirando na escravatura os sentimentos, de que tem elles por fortuna a huns bons escravos; para na recompensa nascerem os outros relativos sentimentos nos escravos, de que tiverão a dita de encontrar um bom senhor: deve ter o terceiro lugar, o moderarem-se os castigos: deve ter o quarto lugar a permissão de ela se divertir, e folgar ao seu modo, e ainda com a convocação dos seus compatriotas, e semelhantes; para lhe influir um justo prazer, e a necessária alegria, o que só he capaz de fazer desterrar o banzo e as cogitações fúnebres a que com facilidade se entregão. (Diário de Saúde 1835)*

Em relação aos suicídios de escravos, temos também a pesquisa feita por Mary Karasch na sua obra *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. A autora em sua obra trata sobre o modo como os escravos se matavam e quais seriam as razões de tal ato. Através de uma rica documentação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, podemos perceber que muitas vezes as mortes dos escravos eram ignoradas pelos senhores. Porém, a autora ressalta que a morte voluntária de escravos era comum e, muitas vezes, poderia ter seu número superestimando. Sobre esse fato, de acordo com a escritora, tem-se uma tentativa de compreender os modos como os escravos davam o fim a suas vidas:

*Embora não se saiba quantos escravos se mataram, é, possível discutir os métodos de suicídios de alguns deles. Uma pequena amostra de 69 cativos, 56 dos quais eram homens, ilustra eles recorriam principalmente a afogamento, enforcamento ou estrangulamento e armas de fogo ou brancas: Embora afogar-se fosse um dos métodos mais comuns, a amostra distorce sua frequência como causa de morte: O afogamento era mais comum do que isso porque os que assim se matavam não eram identificados como suicidas, exceto se houvesse testemunhas. A polícia registrava apenas o número de cadáveres negros encontrados nas praias, sem determinar a causa da morte (Karasch, 2008, p.416).*

Em relação ao banzo, podemos ainda destacar o trabalho feito por Debret e analisado por Danziger (2008). De acordo com a autora, o trabalho de Debret, em suas aquarelas, foca o negro retratando a melancolia e o banzo dos escravos da seguinte maneira:

Entre os inúmeros estudos preparatórios para suas aquarelas realizadas no Brasil, Debret desenhou vários escravos sentados ao chão, inativos, afastados de qualquer atarefamento. São homens curvados, semi-nus, dobrados sobre si mesmos em posturas que poderiam inscrever-se na iconografia da melancolia. Mas essa aproximação é imprecisa, pois, se acompanharmos à vasta produção artística relativa a este tema, observamos que a afecção melancólica é inseparável de um entorno de signos culturais (DANZIGER; 2008: p1).

Debret e Rugendas em suas pinturas, do mesmo modo que outros viajantes, retrataram o banzo como algo peculiar ao estado do escravo: ar triste de quem fica longe de seu lar sem ter esperança para voltar. Assim, podemos compreender o banzo como um estado de melancolia muito profundo que acometia o escravo ao desembarcar no Brasil. Segundo Oliveira Mendes, cabia ao senhor evitar que isto acontecesse mostrando ao escravo que a vida em território brasileiro não era tão ruim como se pensava e que a tristeza por causa disto, muitas vezes, sequer valia a pena. Como a função do escravo era trabalhar, o banzo estaria, ainda que de maneira bastante tênue, prejudicando a economia do país, principalmente no setor agrícola onde a maioria deles trabalhava.

Portanto podemos compreender o banzo como uma moléstia mental bastante complexa que afligia os escravos, muitas vezes relacionada com as crenças dos cativos; assim, a morte seria o único modo de voltar para a terra natal e reencontrar seus entes queridos. Isto posto, como já foi dito, o afogamento era comum entre os escravos. De acordo com eles, por meio da água poderiam atravessar o grande oceano que os separava da felicidade, sendo assim o ato de afogar-se algo catártico para o cativo, não obstante ao terminar este sofrimento poderia o mesmo voltar a ter alegria que tinha antes de embarcar para o território americano.

## Referências

ALVES, Castro. *Navio negreiro* (s/d). Obra retirada do acervo nacional da Biblioteca Nacional.

Disponível em [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/o%20navio%20negreiro.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/o%20navio%20negreiro.pdf). Acesso em 27/03/2015.

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Tomo I. 1789. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210#page/4/mode/1up>. p.164. Último acesso em: 27/03/2015.

CORREIA, Raimundo. In CORREIA, Raimundo. *Poesias completas*. Org. pref e notas Múcio Leão. São Paulo: Nacional., 1948. v.1, p-18. Disponível em:

<http://www.escritas.org/pt/poema/13165/banzo> . Último acesso: 18/12/2014.

DANZIGER, Leila. Banzo e Preguiça: notas sobre a melancolia tropical. Publicado nos *Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte 1808 – 2008*: Mudanças de paradigmas para a História da Arte no Brasil. Museu Nacional de Belas Artes, outubro de 2008. Disponível em: <http://www.leiladanziger.com/text/23banzo.pdf>. Último acesso: 18/12/2014.



DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO ilustrado. Organizado por Alvaro Magalhães. Segunda edição. Liv do Globo. Porto Alegre. 1946 *apud* DUARTE, Sattamini Orlando. *Contribuição ao estudo clinico- histórico do “banzo”*. Revista Brasileira de História da Medicina volume 3. p.75.1952.

DUARTE, Sattamini Orlando. *Contribuição ao estudo clinico- histórico do “banzo”*. Revista Brasileira de História da Medicina. volume 3. p.75. 1952.

EDLER, Flavio. *A Medicina brasileira no século XIX: Um balanço historiográfico*. Asclepio. Vol.L2. 1998.

\_\_\_\_\_, Doença e lugar no imaginário médico brasileiro. *Anuario IEHS* (Buenos Aires), v. 2006, p. 381-98, 2006.

FERREIRA, Luiz Otavio. *Negocio, política e vice-versa uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843*. *História, Ciências e Saúde*. Manguinhos. Vol 11. 2004.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 4ª. Edição, 1984.

LOPES, Fabio Henrique. *Suicídio e saber médico: Estratégias históricas de controle, domínio e intervenção no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Considerações sobre a nostalgia (1844)*. Estabelecimento de texto e notas explicativas por Ronald Polito e Myriam Bahia Lopes. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1935.

MOURA, Clovis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo 2004. Disponível <http://books.google.com.br/books?id=6Zcz0fIj91cC&printsec=frontcover&hl=ptbr#v=onepage&q&f=false> . Último acesso: 28/03/2015.

ODA ,Ana Maria Galdini Raimundo . *Escravidão e Nostalgia no Brasil : o banzo* .*Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, dezembro 2008 (Suplemento)

\_\_\_\_\_. *Da enfermidade chamada banzo : excertos de Sigaud e von Martius* . *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 762-778, dezembro 2008 (Suplemento).

OLIVEIRA MENDES ,Luis Antonio de . *Memória a respeito dos escravos e tráfico de escravos entre a costa d´África e do Brasil( 1812)* . *Revista Latino americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v.10, n.2, p.362-76,jun.2007.

PIMENTA, Tania Salgado. *Entre Sangradores e Doutores: Práticas e formação médica na primeira metade do século XIX*. *Cad. Cedex, Campinas*, v. 23, n. 59, p. 91-102, abril 2003

PINEL, Philippe. *Tratado médico- filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. Tradução: Joice Armani Galli, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PORTO,Angela: Fontes e debates em torno da saúde do escravo no Brasil no século XIX. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 727-734, dezembro 2008 (Suplemento)

SIGAUD, Joseph François Xavier. *Du climatet des maladies du Brésil*.Paris: Fortin, Mason et C., 1844. Tradução e estabelecimento do texto : Ana Maria Galdini Raimundo Oda . *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 762-778, dezembro 2008 (Suplemento).